



Etnoecologia e candomblé: contribuições para agroecologia

Ethnoecology and Candomblé: contributions to agroecology

BRANDÃO, Jefferson Duarte¹

1 Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Escola Caxuté,
jdb.roceiro@gmail.com.br

Resumo

Os povos africanos, foram trazidos em condição de escravização, no entanto, ainda que em condição de diáspora a longa travessia no atlântico rumo o “novo mundo” não impediu que esses povos ao chegarem no Brasil, (re)inveta-se sua cosmologia em um novo território. Assim este trabalho buscou apontar alguns elementos de contribuição dos africanos de cultura Bantu para a construção de um saber etnoecológico alicerçado nas suas práticas e ritos com fortes laços de conexão entre a cultura humana e a natureza. Para realização do trabalho foi feita uma revisão bibliográfica, além de recursos como a observação participante usando como referencial a etnoecologia. Ao longo do trabalho são relatados princípios que podem servir como parametro para desnumbrarmos os saberes que relacionam biodiversidade e a cultura da civilização bantu.

Palavras-chave: Candomblé; Etnoecologia; Ancestralidade.

Abstract:

The African people were brought in slavery condition, however, although in the long crossing diaspora condition in the Atlantic towards the "new world" did not prevent these people when they arrived in Brazil, (re) inveta-his cosmology in new territory. So this study sought to point out some contribution elements of the Bantu culture of Africans to build a knowledge ethnoecological grounded in their practices and rites with strong connection links between human culture and nature. To perform the work, a literature review, as well as features such as participant observation using as referencial the ethnoecology. Throughout the work they are reported principles that can serve as parameter for desnumbrarmos the knowledge relating to biodiversity and culture of the Bantu civilization.

Keywords: Candomblé; Etnoecologia; Ancestralidade.

Introdução

O encontro das culturas africanas com todo continente americano data de aproximadamente quatro séculos, infelizmente em um contexto, de exploração e desrespeito a dignidade humana. Sob a égide e repressão do regime escravocrata os espanhóis e portugueses transportaram forçadamente milhões de africanos que ao chegar em terras brasileiras foram submetidos a uma tentativa de descaracterização dos processos, de identidade histórica, social e cultural sendo obrigados a abrir mão de todo um legado cultural e religioso. No entanto houve sim muita resistência, que por sua foram expressadas de diversas formas desde o aquilombamento (processo que desencadeou a formação de



territórios denominados quilombos, habitados por negros livres, negros “fugidos”, indígenas e mestiços).

Como a realidade brasileira era imensamente diferente da realidade africana, os negros começaram a experimentar formas de poder manter seu ritual sem, no entanto, sofrer as duras repressões dos portugueses que por sua vez só permitiam o culto ao catolicismo. Nesse contexto surgiu então, o Candomblé que por sua vez é uma interpretação brasileira das religiões de matrizes africanas, dos povos de diversos territórios africanos que chegaram ao Brasil durante o período do tráfico negreiro, no Candomblé descam-se em maior número de “seguidores” as nações oriundas das seguintes etnias: Bantu, Yoruba e Jéje. Nosso trabalho se dedica de maneira mais específica a apresentar algumas expressões “etnoecológicas” da cultura Bantu, termo que nomeia uma família linguística oriunda de um tronco comum, o protobantu, falado há três ou quatro milhões de anos atrás. Mais tarde, o termo passou a designar o território subsaariano ou o território abaixo da linha do equador na parte da costa-oeste africana. (CASTRO apud GOMES, 2001, p.69)

Outro aspecto pertinente em nosso debate é fato de que os Bantu tem como elemento primordial o uso da terra, pois, em sua cosmovisão esse elemento pertence a Ntoto (divindade da terra), assim todos teriam direito de usá-la comunitariamente, de maneira que ninguém poderia se considerar dono dela, tornando-a um patrimônio compartilhado. Outro ponto que reforça a percepção comunitária é que após chegar ao Brasil o Candomblé passou por uma transformação das relações, tendo, adotado o sentido de família ampliada onde os laços se dão pelas relações de “reciprocidade” entre os adeptos dos cultos em determinada comunidade (terreiro). Surgindo assim expressões como: Mãe de santo (Mameto ria Nkinsi) e Pai de Santo (Tateto ria Nkinsi) demarcando uma espécie de tradição familiar espiritual, que por sua vez, estão intensamente ligadas a força do Nkisi (divindade) e o Nguzo (força espiritual) mais difundidos sob os termos dos dialétos Yoruba como Orixá e Axé respectivamente. Santos (2008)

Metodologia

O trabalho aqui descrito envolveu à prática da observação participante, não planejada baseada no contato com comunidades de terreiro. Além do mais, se baseou na revisão bibliográfica de materiais da área de estudos Afro-brasileiros. Também tomou-se como base a perspectiva etnoecológica, por entender que esta leva em consideração o “estudo do complexo integrado pelo sistema de crenças (kosmos), o conjunto de conhecimentos (corpus) e de práticas produtivas (praxis)” possibilitando a compreensão das relações estabelecidas entre a interpretação, bem como a leitura dos processos envolvidos tanto no uso, como no manejo dos sistemas naturais (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009, p. 41)

Resultados e discussões



Nota-se com bastante intensidade a sacralização de plants e animais nos rituais que envolvem as expressões da cosmovisão dos povos que cultuam as religiões de matriz africana. No entanto, “As civilizações que conviveram com os ecossistemas naturais, em equilíbrio homeostático, como, por exemplo, as etnias africanas ioruba, Núbia, oyo, banyoro e banto, ao longo de milhares de anos, tiveram seu conhecimento tradicional renegado” (GOMES, 2010, p. 83)

Carney e Marin (2004) nos revelam que a difusão de sementes de plantas africanas em diversas regiões do mundo se deu a partir da propagação dos saberes africanos, que por sua vez, possibilitou desde o plantio até o beneficiamento de diversas culturas agrícolas.

Do século XV ao XVIII, esse domínio de saberes fez da África Ocidental um importante centro de trocas comerciais para a sustentabilidade das novas formas e modo de produção que se implantavam. O conhecimento de plantas com fins de subsistência — que compreendia não só técnicas de plantio, cultivo e colheita em zonas intertropicais, como tecnologia de beneficiamento e usos terapêuticos de vegetais — teve importante papel na seleção de mão-de-obra escrava, no período colonial, como mencionado anteriormente. (CARNEY ; MARIN, 2004, p. 35)

Parece importante evidenciar que muitos sistemas de classificação tradicional são estruturados a partir de uma dinâmica complexa, descrevendo não apenas a morfologia das plantas, mas também expressando seus símbolos, bem como suas aplicações místicas, litúrgicas e terapêuticas. A dimensão etnoecológica da cosmovisão Bantu vai para além da classificação das plantas, pois, ela também agrega e correlaciona seres míticos (ancestrais) de acordo aos ninchos ecológicos que cada um destes ocupa. A seguir descrevemos no (Quadro 1) alguns destes seres e suas respectivas funções ecológicas e agrícolas.

Inksi	Elemento da natureza que representa
Kitembo (Tempo)	Ancestral ligado aos caminhos, as mutações da terra (estações do ano). Geramente representado no Brasil pela árvore da gameleira (<i>Ficus glabra</i>)
Katendê	Ancestral que detém o conhecimento sobre o poder das folhas (nsabas) seja para o uso nos rituais ou na promoção da saúde.
Mutalombô	Ancestral relacionado a proteção das florestas e dos que dela dependem (caçadores, coletores e etc)
Nkosi Mukumbi	Ancestral conhecido como patrono da agricultura, por ser responsável pela metalurgia e as tecnologias, dentre estas, as



	ferramentas que servem para preparar a terra e promover o manejo dos cultivos.
Dandalunda	Ancestral ligada as águas doces, tem forte vinculação a fertilidade e a fecundidade da terra e também dos seres humanos.

Quadro 1: Inksis e seu lugar na natureza.

Santos (2008) destaca ainda a figura do Caboclo, bastante cultuado nos Candomblés de origem Bantu, esse “ancestral” é fruto da interação entre os primeiros negros africanos que chegaram ao Brasil e a população nativa que aqui se encontrava (Indígenas). O Caboclo é considerado um grande conhecedor das matas e florestas brasileiras e o seu culto envolve sempre muitas plantas, frutos e animais como oferenda.

O sistema de classificação moderno se diferencia dos sistemas tradicionais por trabalhar o indivíduo e suas partes e, em geral, separado de seus usos e significações culturais. (...) As rezas, banhos, feitiços, comidas, remédios e mitos são extraídos e extraditados dos sistemas de classificação dos vegetais. Saberes botânicos de povos não-europeus perdem seu valor em nome da ciência colonizadora que desabrocha e impõe seu táxon dominante. (GOMES, 2010, p.85)

Barros (2014), faz um apanhado geral sobre o uso das plantas nos rituais de candomblé, ele faz um levantamento minucioso sobre o uso das folhas nos cultos de origem Jeje-nagô, inclusive estabelecendo um sistema de classificação das plantas envolvendo seu nome ritualístico (expresso em dialéto Yoruba), bem como os significados dos mesmos. Uma figura importante nesse processo é o Táta Nsaba considerado o (encarregado pelas folhas nos terreiros de candomblé), é um dos responsáveis pela coleta das plantas, bem como pela preparação dos “derivados” das folhas e devem operar de acordo com os signos da liturgia Bantu, empregando para isso certos ritos antes de entrar nas matas que envolve um cerimonial que vai desde a “purificação” do corpo até a profalação de cânticos específicos para pedir (licença) as folhas e aos seus guardiões míticos, ou seja, envolve muitos elementos que vão além dos processos desenvolvidos pela botânica convencional.

No que tange a soberania alimentar, Cardoso (1982) nos fala sobre uma possível “brecha camponesa” no sistema escravista onde os negros escravizados, exerciam praticas camponesas, sobre tudo ligada aos cultivos de subsistência no interior de algumas fazendas onde serviam aos “senhores”. Segundo CARNEY (2001) os africanos trazidos para o Brasil contribuíram imensamente pra a cultura alimentar e agrícola do país, sobre tudo nos alimentos de origem da agricultura familiar camponesa brasileira, tem uma parte importante de sua produção derivada dos conhecimentos etnobotânicos afro-indígenas. Os saberes acerca não só das plantas, mas, também da preparação de alimentos



pelos povos africanos estão marcados na culinária brasileira, uma vez que as negras afrodescendentes, difundiram seus quitutes para além da cozinha da “casa grande”, os pratos produzidos por elas, sempre tiveram uma profunda relação com a cosmovisão de origem africana. BRANDÃO (2014). Dessa forma o uso de termos oriundos do Bantu como: jilós, jingas, indacas, quitocos, maxixe, quitutes, angu e quiabos, se mantém vivos dentro da língua portuguesa falada no Brasil. Assim, ao longo do tempo o uso das plantas e todo o seu culto que envolve desde as funções terapêuticas até os cânticos ritualísticos, preservando assim dentro dos terreiros de Candomblé a língua, os rituais, os conhecimentos etnoecológicos e a cultura que se mantém viva através de novos seguidores adeptos do Candomblé.

Conclusões

A contribuição apresentada aqui pelas crenças e ritos dos povos que praticam a cosmovisão de origem Bantu nos possibilita falar de uma forte conexão entre biodiversidade e diversidade cultural, intermediada por saberes herdados ancestralmente que permite a existência de um legado construído a partir de uma herança histórica que conforma um processo dialético entre sociedade e natureza; que permaceu no tempo e inclusive no espaço apesar do contexto de diáspora. Hoje presenciamos na América Latina, a força com que se levanta o paradigma do “bien vivir” que corresponde retomada da cosmovisão dos povos originários andinos (principalmente nos conceitos expressos nas constituições da Bolívia e Equador) que igualmente vivenciam com muita intensidade a relação com a terra e os seres naturais oriundas desta. Por fim, fica o desafio de efetivarmos ações no âmbito do Estado brasileiro que efetive políticas concretas envolvendo os saberes dos povos tradicionais como no caso da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de 2007, que deve ser aprofundada a fim, de contribuir com a construção do conhecimento agroecológico em nosso país dando o devido destaque para os povos e comunidades tradicionais.

Referências bibliográficas:

- BARROS, José. A floresta sagrada de Ossaim: o segredo das folhas. Rio de Janeiro, Ed. Pallas – 1ª reimpressão, 2014.
- BRANDÃO, Jefferson; OLIVEIRA, Bruna; Duarte, Israel. Saboreando saberes: a moqueca na culinária afrodescendente da Bahia. Anais do I Simpósio Internacional Alimentação e Cultura: aproximando o diálogo entre produção e consumo. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE p. 1-12, 2014 .
- CARNEY, Judith. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. **África: Revista de Estudos Africanos**, São Paulo, n. 2223, p. 25-47, 2001.
- CARNEY, Judith; MARIN, Rosa A. Saberes agrícolas dos escravos africanos no Novo Mundo, **Revista de divulgação científica**, São Paulo, SBPC, v. 35, n. 205, jun. 2004.
- CARDOSO, CIRO. Agricultura capitalismo e escravidão. Petrópolis – RJ, Ed.



Vozes, 1982.

GOMES, Ângela. Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negroafricana: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2010.

SANTOS, Ancelmo. Terreiro Mokambo: espaço de aprendizagem e memória do legado Banto no Brasil. Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado da Bahia, Salvador- BA, 2008

TOLEDO, Victor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. Revista: **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora UFPR, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.